



Sujeitos e sentidos do festival folclórico de Parintins nos jornais impressos das décadas de 80 e 90

Jocifram Ramos Martins¹

Ilka Gabriela Barcelos dos Santos²

Thalyta da Silva Ferreira³

Fernanda De Paula Siridó Marques⁴

¹ Professor de Língua Portuguesa, Literatura e Geografia, Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia

RESUMO

Este trabalho analisa, à luz da Análise de Discurso (AD) de filiação francesa, especialmente pela perspectiva de Eni Orlandi (2009), reportagens veiculadas em jornais impressos nas décadas de 1980 e 1990 (A Crítica, A Notícia, Amazonas Em Tempo, A Notícia e Jornal do Comércio), para conhecer e descrever como se dá nesses veículos a constituição discursiva dos sujeitos e dos sentidos do Festival Folclórico de Parintins.

Palavras-chave: Sujeito. Sentido. Interdiscurso. Festival Folclórico. Formação Discursiva.

Abstract

This work analyses, in the light of the French affiliated Discourse Analysis (DC), particularly from the perspective of Eni Orlandi (2009), printed newspaper reports in the 1980s and 1990s (A Crítica, A Notícia, Amazonas Em Tempo and Jornal do Comércio), to understand and describe how in these media the discursive constitution of the subjects and of the meanings of the Parintins Folk Festival takes place.

Keywords: Subject. Meaning. Interdiscourse. Folk Festival. Discursive Formation.

INTRODUÇÃO



“O município de Parintins está situado na parte oriental do Estado do Amazonas, atravessado pelo grande rio no sentido Oeste Leste” (BITTENCOURT, 2001, p. 11). Decorrente da posição geográfica do município, a cidade de Parintins está muito próxima da fronteira com o Estado do Pará e a 367 quilômetros, em linha reta, da capital do Estado do Amazonas, Manaus, e acerca de 480 km por via fluvial. Atualmente, segundo dados do censo de 2010 do IBGE (2010), a população do município é de 102.033 habitantes distribuídos em 69.890 na zona urbana e 32.143 na zona rural.

Em Parintins, por iniciativa popular, realiza-se no mês de junho, desde a primeira metade do século XX, a brincadeira de boi bumbá. No início, acontecia praticamente todas as noites de junho, de forma espontânea, marginal, sem regras, organizada por pescadores, vaqueiros, patrocinada com escassas economias de seu trabalho e patrocinada, em parte, por simpatizantes, como pequenos comerciantes locais.

Depois das primeiras apresentações dos bumbás no mês de junho da década de 1960, numa espécie de quermesse organizada por um grupo de jovens ligados à igreja católica, a atenção dos parintinenses acerca do brincar de boi granjeou certo prestígio local. A festa aos poucos foi saindo da esfera popular e passou a ser organizada e gerenciada pela prefeitura, até chamar atenção do governo do Estado, no final dos anos 70 e início dos anos 1980. A partir de então, foi reorganizada, ganhou divulgação, regras, dias certos para a apresentação.

A partir de então, especialmente nos jornais impressos, produziram-se discursivamente sentidos que despertaram um sentimento de valorização regional, que teve na brincadeira de boi bumbá o seu sustentáculo. Este trabalho pretende compreender como foram engendrados os sentidos que os jornais escritos veicularam e seus efeitos sobre a realidade local.

O corpus, o método de análise e os objetivos

O corpus foi formado de sequências discursivas extraídas de reportagens veiculadas em jornais impressos das décadas de 1980 e 1990 (A Crítica, A Notícia, Amazonas Em Tempo, A Notícia e Jornal do Comércio). A análise foi orientada pela teoria da Análise de Discurso (AD) de filiação francesa, especialmente na perspectiva de Eni Orlandi (2009), que considera a língua em funcionamento produzindo sentidos apoiada na história e na ideologia. Objetiva-se conhecer e descrever as formações discursivas das quais derivam os sentidos presentes acerca do Festival Folclórico de Parintins, a constituição discursiva dos sujeitos e, por conseguinte, os efeitos desses discursos sobre a realidade local.

A realidade segundo a imprensa

A imprensa, de modo geral, apresenta-se ao público com a aura da imparcialidade, da objetividade, e o que veicula seria espelho fiel dos acontecimentos. Ou seja, informar o público sobre os fatos de maneira confiável e respeitosa, sempre com respeito à verdade (PAIVA, 2010; KUNCZIK, 2001, *In* BARBOSA e SIMAS, 2017).

Mas o jornalista também está à mercê das influências sociais e históricas, por isso filtra, interpreta, seleciona e edita o que comunica ao público. Todo usuário da língua, na verdade, ao se lançar na tarefa de significar o mundo, está automaticamente envolvido pelos sentidos praticados pelo grupo social de que faz parte no momento da enunciação. E, assim, significa a realidade a partir desse conjunto de sentidos. Mas não há consciência disso. Quem enuncia está mergulhado na ilusão de ser independente, original e fiel aos fatos. Não reconhece, portanto, a própria sujeição ao conjunto de significados praticados pelo grupo social no momento histórico do acontecimento. É esse conjunto de significados à disposição dos falantes, do qual eles não têm consciência e no qual creem ser a representação fiel da realidade, que constitui a ideologia do ponto de vista do discurso (ORLANDI, 2009).



Convém, ainda, considerar as Formações Imaginárias (ORLANDI, 2009), segundo as quais os discursos e, conseqüentemente, os sentidos ligam-se a outros que lhes dão vida, verossimilhança, senso lógico. Essa relação com o que foi, está e vai ser dito faz com que o discurso esteja sempre em contínuo processo de construção.

Além disso, os sentidos utilizados não são produzidos aleatoriamente. Há o cuidado com o efeito que as palavras terão em quem as recebe. Ou seja, há um mecanismo regulatório da argumentação que faz o sujeito antecipar como se dará a recepção e, por isso, ele escolhe diferentes formas de dizer. Nesse caso, quem emite avalia se quem recebe é aliado ou não dos mesmos sentidos que pensa utilizar.

Há, ainda, a força da posição de onde os sentidos fluem. Ou seja, são as relações de força segundo as quais o lugar de fala constitui o sentido do que é dito (Orlandi, 2009). Assim, o dizer tem maior ou menor valor e efeito em quem o recebe conforme a origem de onde provém. “Eu vos declaro casados”, portanto, não tem o mesmo efeito se dito pelo feirante no meio de suas frutas como teria se fosse dito por um padre ou um juiz.

Em se tratando de discurso, a mídia impressa, em especial o jornal, ocupa uma posição de força na veiculação de sentidos acerca da realidade. E como os discursos ligam-se a outros, não há apenas nos sentidos utilizados pelo jornal os objetivos de informar os fatos à população.

No caso do objeto deste trabalho, procura-se compreender como os sentidos que significam o Festival Folclórico de Parintins são construídos, qual sua origem e quais objetivos pretendem alcançar. “Deve-se ter uma visão crítica do conteúdo veiculado pela mídia, passando-se a se questionar as realidades criadas, em grande parte, para satisfazer determinado grupo e satisfazer ideologias...” (BATISTA, SILVA E SIMAS 2015, p. 2-3)

Objetiva-se, portanto, tomar como discurso o que foi veiculado pelos jornais impressos, identificar como a realidade local foi

significada e a origem dos sentidos utilizados. Orlandi (2009, p. 21) define sucintamente o discurso como “o efeito de sentido entre locutores”, o que descarta totalmente a ideia de texto ou de conjunto de textos com a mera função informativa. Esse efeito de sentidos entre usuários da língua enfatiza a troca dinâmica, a recepção e a emissão de valores e compreensões de mundo social, histórica e ideologicamente constituídos. O discurso é, portanto, uma prática de emissão e recepção em constante construção, cujos sentidos atrelam-se ao que já fora dito e ao que se deixou de dizer, ou seja, silenciou-se não para excluir, mas para significar, contribuindo sobremaneira para a transformação, para a ruptura de significados já estabelecidos ou para sua afirmação e continuidade.

Sob a luz da Análise de Discurso

No esforço desta análise, utilizar-se-ão reiteradamente as categorias formação discursiva, interdiscurso, ideologia, sentidos e sujeito compreendidas no âmbito da Análise de Discurso (AD) Francesa de Pêcheux e Orlandi.

A Formação Discursiva é uma situação sócio-histórico-ideológica que define e determina os sentidos atribuídos à realidade, ou seja, o que pode, como pode e deve ser dito. Dito de outra forma, é a manifestação verbal da formação ideológica de determinado grupo social. Mas tal forma do dizer não é asséptica. No discurso, é possível identificar várias formações discursivas interpenetrando-se: o interdiscurso. Ou seja, o interdiscurso compreende o discurso sem fronteiras limitadoras, um acontecimento que não se fecha em si mesmo, mas relaciona-se a outros, ao momento histórico da produção e também ao passado, isto é, à memória, aos arquivos do inconsciente, dos quais se extraem sentidos a serem utilizados e transformados pelo novo momento da utilização.

E como já se tratou anteriormente, o usuário da língua crê que está sendo fiel aos fatos, mas, ao significar, sujeita-se à ideologia em sua

dimensão discursiva, isto é, a utilização dos significados como evidência da realidade. Esse conjunto de sentidos constrói o sujeito do discurso, que é a posição que assumem os autores da enunciação a partir de um dado momento sócio-histórico, e o fazem de acordo com a formação ideológica/discursiva que representam. No momento da enunciação, a posição-sujeito representa outros potenciais autores que constituem o grupo social familiarizado com os sentidos utilizados e atribuídos por eles à realidade sócio-histórica (ORLANDI, 2009).

Ao dizermos algo, recorremos aos sentidos já inscritos na história, filiados a uma ou outra formação discursiva. E procuramos reproduzir esses sentidos, às vezes de forma diferente, recorrendo a outros recursos linguísticos. Assim, ocorre a paráfrase, que é dizer o mesmo com outras formulações, ou seja, novas maneiras de expressar o já dito.

Mas se houvesse sempre a repetição do mesmo, não haveria necessidade de dizer. O mesmo acontecimento, então, pode ser significado de diferentes formas. Ou seja, uma vez que há outras formas de entendimento, outras formações discursivas, outros sentidos estão presentes para expressá-las, constituindo sujeitos diferentes que utilizam sentidos diferentes para o mesmo acontecimento: a polissemia metafórica. Como todo dizer está marcado ideologicamente, os sujeitos se inscrevem no jogo da língua entre a forma de significar e o porquê de assim o fazer, materializando em seus dizeres a ideologia da qual provêm os sentidos que os sustenta como discurso (ORLANDI, 2009).

À procura dos sujeitos e sentidos do Festival de Parintins

Em 2014, em palestra na Fiocruz, Orlandi afirmou que "... a gente é mais dito do que consegue dizer. De vez em quando a gente consegue dizer, mas a maior parte do tempo a gente é dito, ou seja, já somos significados, somos colonizados." Ou seja, na maioria das vezes o que acontece é a materialização da força

de grupos de maior prestígio social que, conseqüentemente, transformam a realidade sob a utilização dos sentidos que constituem sua compreensão dela.

As seqüências discursivas acerca do Festival de Parintins retiradas dos jornais nos chamam atenção para a mudança de sentidos e, conseqüentemente, de sujeitos que ocorreu ao longo das décadas de 80 e 90. Essa mudança não se dá apenas pelo processo de paráfrase discursiva, mas, e principalmente, pela abertura da formação discursiva que possibilita a continuidade ou a transformação/mudança de sentidos e, conseqüentemente, de constituição ou de presença de outros sujeitos a se insinuarem no dizer jornalístico, a polifonia discursiva.

Os sentidos de Festival Folclórico de Parintins

Os discursos sobre o festival folclórico de Parintins deixam entrever nos sentidos utilizados claro movimento de deriva discursiva. Em 1985, no Jornal A Notícia, "Briga de 'bois' entusiasma Parintins"; em 26 de junho de 1981, o Jornal A Crítica anuncia que "Parintins está vivendo um festão".

Convém ressaltar, antes de se enveredar pelas nuances do que isso pode representar, que no final da década de 70 e início de 80 o Festival de Parintins ainda estava no estágio de transição entre a iniciativa popular na realização da festa, o poder municipal e o estadual. Quando o governo do estado o assumiu, promoveu acentuado esforço para a festa alcançar outras dimensões e chamar a atenção da mídia nacional. É esse movimento histórico que cria condições para a paráfrase e, posteriormente, a polissemia.

No Jornal Amazonas Em Tempo, de 29 de junho de 1995, pode-se ler que "Município poderá viver do Festival", denotando claramente um movimento de promoção da viabilidade do evento como futuro pilar econômico de Parintins.

Em A Crítica, de 30 de junho de 2000, outro sentido do festival folclórico é anunciado: "o bom de Parintins é a folia nas ruas, muitos nem

fazem questão de ir ao bumbódromo”, ou ainda, “Parintins libera o lado festivo e sensual das pessoas”. E “tudo transpira sexo. São dois festivais: o folclórico e o da carne. Vale tudo”. Dizer a mesma coisa de modo diferente (paráfrase) abre a possibilidade de se entender como trabalharam o inconsciente, a história e a ideologia na constituição dos sentidos e dos sujeitos. E “A possibilidade de polissemia na paráfrase é a abertura necessária [...] que resguarda o analista contra um possível fechamento das formações discursivas [...]” (SOUZA, 2006, p. 103). Os sentidos “[...] escorregam, derivam para outros sentidos, para outras posições. A deriva, o deslize é o efeito metafórico, a transferência, a palavra que fala com as outras” (ORLANDI, 2009, p. 53).

A interpenetração de sujeitos e sentidos, devido à abertura da formação discursiva, proporciona que, pela presença do interdiscurso ocorra o deslize necessário dos sentidos que os transforma em outros, ou seja, outras formações discursivas e seus sujeitos a se insinuarem no dito.

Pode-se observar claramente esse processo nas matérias veiculadas, movimento natural e já esperado, pois, como diria Orlandi (2009, p. 37), “a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo nem os discursos já estão prontos e acabados”.

E essa condição permite formar grupos com as sequências discursivas oriundas de posições-sujeito diferentes, a partir das quais o festival folclórico é significado de maneiras diversas, mas inter-relacionadas: como atração turístico-cultural, como redenção econômica do município e como aventura sexual.

O Festival como atração turístico-cultural

Na manchete de A Notícia, junho de 1985: “Briga de ‘bois’ entusiasmo Parintins”, o sujeito posiciona-se claramente como o “outro”, cujo olhar está eivado de estranhamento com a briga de bois que, ao que parece, entusiasmo apenas os habitantes de Parintins. As aspas destacando “bois” denotam a excentricidade

do acontecimento. Da mesma forma, o Jornal do Comércio de junho de 1995 refere-se ao festival folclórico como uma “festa no interior” que movimentou o porto de Manaus.

Esses sentidos são compreensíveis se agregarmos à sua construção os componentes históricos, ou seja, as condições de sua produção. No ano de 1985, a adoção da festa como uma das principais representantes da Região Norte estava em processo. Ou seja, ainda não haviam se estabelecido no imaginário do amazonense os sentidos que estavam sendo utilizados no discurso de promoção do festival de Parintins.

Em 1981, por exemplo, quatro anos antes da manchete de A notícia, já havia um conjunto de sentidos acerca do festival folclórico que mostrava um deslize parafrástico, insinuando levemente outra postura do sujeito frente ao acontecimento. “Parintins está vivendo um festão” (A Crítica, 26 de junho de 1981) anuncia o acontecimento e, ao mesmo tempo, delimita os efeitos gerados por ele. É Parintins que vive “um festão”, assim como a inusitada “briga de bois”, de A Notícia, entusiasmo apenas os habitantes dessa cidade, e não o Amazonas ou a Região Norte.

Ou seja, a manchete de A Crítica é uma paráfrase de “Briga de ‘bois’ entusiasmo Parintins”, do Jornal A Notícia. A “briga de bois”, por deslize, passa a ser “festão”. Já a expressão “entusiasma Parintins” passa a ser “vive um festão”. Logo, apenas Parintins vive a festa que a manchete de A Crítica enuncia. E também somente seus habitantes se entusiasma, como veicula A Notícia. Em ambos os casos, o sujeito utiliza sentidos que denunciam sua posição no discurso. Em graus diferentes, ele está fora, distanciado do acontecimento e analisa o objeto de sua enunciação como uma espécie de sentimento de não-lugar (AUGÉ, 1994) emocional, afetivo ou cultural.

Os graus de distanciamento são diferentes, pois “festão” já denota certa aproximação por tentar uma maior genericidade que “briga de bois”, mas ambas expressões descrevem o diferente.



“Briga de bois” é o não-experenciado, o diverso; já “festão” relaciona o acontecimento a algo conhecido, já referenciado. Já se percebe, embora sejam o mesmo diferente (paráfrase), um movimento de deriva rumo à transformação polissêmica, uma fissura no dizer provocada pelo movimento do simbólico na história (a promoção da festa pela Prefeitura) que permite e, neste caso, promove uma ruptura.

Em “briga de bois”, de 1985, o discurso jornalístico se pretende isento, já em “festão”, o discurso político, de 1981, está presente significando o festival folclórico com a clara intenção de fazer dele uma atração maior. Ou seja, aqui já se percebe o germe de um projeto de engrandecimento e transformação da cultura popular. No corpo do texto de 1981, corrobora esses sentidos a menção em terceira pessoa do representante do executivo, que estaria “à frente dos movimentos” para proporcionar condições “a todos que comparecerem” para assistir. Pela polifonia discursiva, a posição-sujeito do discurso jornalístico utiliza inconscientemente sentidos da posição-sujeito do discurso político e de seu projeto de transformação do festival folclórico em atração turística. Ou seja, sentidos significando o que ainda tem existência apenas virtual.

Se a expressão “briga de bois” (A Notícia, junho de 1985) demonstra o distanciamento do sujeito, a palavra “festão” (A Crítica, 26 de junho de 1981) o aproxima mais do acontecimento que quer reportar. Nas duas sequências, parece haver duas posições-sujeito. Mas o que explica as escolhas de formas para falar do mesmo?

Em 16 de junho de 1981, o Jornal A Crítica também veiculou matéria com o título “Festão de Parintins tem sua história”, que mostra o envolvimento do Governo do Estado na promoção do festival folclórico de Parintins. A matéria demonstra com clareza a intenção de promover o festival não só na região, mas também em todo Brasil, inclusive com a distribuição do folheto “Folclore Parintinense

- A maior festa do Amazonas”, que trazia a síntese da festa, com farto material fotográfico. Nesse ano, 1981, o festival folclórico ainda não tinha um espaço próprio e foi realizado no Estádio Tupy Cantanhede, em um tablado de madeira construído exclusivamente para o evento. A matéria representa o esforço do Governo do Estado, através da Comissão do Patrimônio Histórico e Artístico do Amazonas, cujo presidente na ocasião era o vice-governador Paulo Pinto Nery, e o secretário Robério Braga, para divulgar em todo Brasil o Festival Folclórico de Parintins com a intenção de transformá-lo em referência de cultura regional.

Ou seja, o discurso político presente na mídia impressa, com a intenção de tornar a festa atraente e conhecida, utiliza o aumentativo de festa (festão), em 16 de junho de 1981, por acreditar ser uma maneira mais sedutora de significar o evento que deveria atrair os olhares do país inteiro.

Esse sentido foi reproduzido na matéria veiculada dias mais tarde, no dia 26 de junho de 1981, “Parintins está vivendo um festão”, ostentando, ainda, em subtítulo a expressão “Festão do Povo”.

A posição-sujeito já demonstra envolvimento político com o que descreve. Ainda que esteja mergulhado na ilusão adâmica de ser a origem dos sentidos utilizados para significar a realidade e acredite que a sua forma de dizer é a melhor e mais precisa, é possível notar as mudanças na escolha das palavras para significar a festa, o que denuncia a insinuação de outras posições-sujeito no discurso (polifonia discursiva), com objetivos diferentes dos sentidos utilizados por sua posição discursiva jornalística. Além disso, é possível perceber que a escolha e o uso reiterado da palavra “festão” denota a antecipação aos efeitos que o vocábulo produzirá no interlocutor (Orlandi, 2009).

Ainda em 1981, em A Crítica do dia 10 de junho, no texto “Parintins protege folclore regional”, fica clara a posição do Governo do Estado em relação ao festival de Parintins:

torná-lo não só a referência cultural regional, mas também tê-lo como sustentáculo econômico do município. O evento é apresentado como a “maior e melhor manifestação popular do Norte e Nordeste do Brasil”, que deveria ser referência cultural e, ao mesmo tempo, representar a esperança de “um amanhã melhor” com “a abertura de novas frentes turísticas”.

Da distanciada posição-sujeito de “briga de bois” a sua aproximação em “festão”, os sentidos derivam para “patrimônio histórico, protetor do folclore regional, maior e melhor manifestação popular do Norte e Nordeste, atração turística de todo país”. A posição-sujeito demonstra a ruptura com a continuidade dos sentidos e faz escolhas que denunciam os interesses subjacentes: o projeto político de transformação da expressão cultural local em manifestação cultural regional com potencial econômico.

O que aconteceu na Amazônia e, especialmente em Parintins, parece ter sido reflexo tardio, consciente ou não, de uma política do Estado Brasileiro voltada para a valorização da cultura nacional. Segundo Ortiz (2006), a partir do governo de Juscelino, tem-se o desenvolvimento não só de uma indústria que atende ou procura atender os anseios do capital e a criação de um mercado de bens materiais, mas também e paralelamente um mercado de bens simbólicos no que diz respeito à cultura. Com o Golpe Militar de 64, o estado autoritário procura, por meio da cultura, a realização de uma identidade que se pretende autenticamente brasileira.

Ainda segundo Ortiz (2006, p. 140),

[...] é por meio do mecanismo de reinterpretação que o Estado, através de seus intelectuais, se apropria das práticas populares para apresentá-las como expressão da cultura nacional. O candomblé, o carnaval, os reisados etc. são, desta forma, apropriados pelo discurso do Estado, que passa a considerá-los como manifestações de brasilidade. Outro gênero típico deste gênero de operação é realizado pela indústria do

turismo, que procura vender, a brasileiros e estrangeiros, a identidade nacional manifestada nas produções populares.

O folclore, originário de fontes, lógicas e tradições diversas, tem sob o trabalho dos intelectuais ligados ao poder estatal sua ordenação e coerência estabelecidas segundo critérios exógenos, processo em que sofre uma resignificação que o faz perder a originalidade. Corroborando essa leitura a matéria de A Crítica, de 10 de junho de 1981, ao anunciar a vinda de “uma equipe composta por historiadores, fotógrafos cinegrafistas com a finalidade de fazer um levantamento completo do festival Folclórico de Parintins...”. Segundo o texto, essa equipe foi enviada pela Comissão de Defesa do Patrimônio Histórico, presidida pelo vice-governador professor Paulo Pinto Nery. Portanto, desenhava-se aí uma ação política cujo objetivo fora a apropriação da cultura local para transformá-la em símbolo da identidade regional.

Falar de identidade é ligar-se imediatamente às esferas do social e do cultural. A dimensão do político (compreendido como relações de poder) está ligada de maneira direta ao social. E por isso, as manifestações culturais estão sempre permeadas pelo político, pois são sempre movidas por relações de poder, haja vista que fazem parte da esfera social. Para Ortiz (2006, p. 142),

É importante ter em mente que as expressões culturais não se apresentam na sua concretude imediata como projeto político. Para que isso aconteça é necessário que grupos sociais mais amplos se apropriem delas para, reinterpretando-as, orientá-las politicamente.

Como política, as manifestações culturais se apresentam como um projeto de grupos sociais diferentes dos de origem, que delas se apropriam para reorientá-las, definindo-lhes os sentidos a partir de sua reelaboração simbólica. Ou seja, “[...] a problemática da cultura brasileira tem sido, e permanece até hoje, uma questão política [...] a identidade nacional está

profundamente ligada a uma interpretação do popular pelos grupos sociais e a própria construção do estado brasileiro” (*Idem*, 2006, p. 08). É importante destacar aqui a clara distinção que Cuche (1999, p. 176) faz entre cultura e identidade cultural:

Não se pode, pura e simplesmente confundir as noções de cultura e de identidade cultural ainda que as duas tenham uma grande ligação. Em última instância, a cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas.

A diferença estabelecida por Cuche (1999) entre cultura e identidade cultural contribui para a compreensão das transformações da festa de boi-bumbá em Parintins. Parece-nos que o que ocorreu não só com o boi-bumbá de Parintins, mas também com outras manifestações populares na Amazônia foi resultado do que Ortiz (2006) denomina de “política”, neste caso em particular, a apropriação pelo Estado e sua orientação por meio de campanha de valorização da identidade cultural regional. Ao mesmo tempo, promoveu-se a manifestação cultural a produto de interesse do turismo. Ortiz (2006) reitera dizendo que a cultura, como linguagem, está sujeita a interpretações diversas, mas são os interesses que decidem sobre o sentido da reelaboração simbólica desta ou daquela manifestação.

A posição-sujeito do discurso político de transformação da cultura em identidade cultural e, conseqüentemente, de atração turística prevaleceu nos jornais do período, como se constata em A Notícia, de 1985, “Parintins faz o **maior espetáculo da terra**”, “Parintins... palco do **maior espetáculo do**

mundo”; ou em A Crítica, ainda de 1981, “... **uma das maiores e melhores promoções culturais populares do norte e nordeste...**”, “**A maior festa do Amazonas**”, e em 2000, **Ópera na floresta, Magia colorida**. Ou seja, jornais diferentes, mas um só discurso, uma só posição-sujeito, sentidos construídos por paráfrase, que dizem o mesmo de forma diferente.

As palavras são mais que simples palavras. Como diria Drummond (2001, p. 12), “cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta pobre ou terrível que lhe deres: trouxeste a chave?”. E a chave, na Análise de Discurso, é saber que elas, as palavras, não só informam o acontecimento, mas também a forma como o fazem carrega uma carga histórico-ideológica que só é possível conhecer se são consideradas as condições de produção dos sentidos que constroem o discurso. E são essas condições de produção que levam à escolha das palavras que, segundo a formação ideológica de onde fala o sujeito, melhor traduziriam o acontecimento que ele pretende significar. Assim, sujeitos e sentidos se constituem.

A escolha das palavras nas sequências citadas trazem nítida intenção de não só promover a manifestação cultural, mas também de despertar a curiosidade e aproximar o acontecimento Festival Folclórico de Parintins de quem consome a notícia. Ópera, magia, maior espetáculo da terra são mais que simples e gratuitas hipérboles de festival folclórico.

Mas a língua não é via de mão única. Como diria Orlandi (2009, p. 21): “discurso é o efeito de sentidos entre locutores”. A escolha que o sujeito realiza é decorrente da ideologia que o faz acreditar na evidência, ou seja, a crença na relação direta entre as palavras e as coisas. Mas intrínseco e também decorrente da ideologia está o desejo de aproximar o interlocutor do acontecimento pelo uso de sentidos com os quais julga que ele está familiarizado e, conseqüentemente, transformar semanticamente a festa em atração que o satisfaça. Ou seja, promovê-la como atração

turística, como mostra o título de uma matéria de A Crítica, de 27 de junho de 2000: **“Cardápio a la Paristins – Chef francês promete abusar de frutas exóticas no jantar”**.

Ou seja, em Parintins pode ser encontrada a culinária tão refinada quanto a europeia. E, compondo como atração turística, os sentidos de ópera, magia e espetáculo devem funcionar melhor que “briga de bois”.

Parecem ter os mesmos objetivos os sentidos do jornal Amazonas Em Tempo, de 29 de junho de 1995, ao anunciar **“50 mil pessoas na farra do boi”**.

Aqui, com a intenção de aproximar o interlocutor e provocar sua identificação, o sujeito antecipa-se à recepção e lança mão de palavras cujos sentidos significam outra realidade familiar a quem recebe a comunicação. Festival Folclórico transforma-se em farra do boi, evento que ocorria em Santa Catarina, em que um boi é solto e os populares correm atrás dele até sua exaustão. Ou seja, o discurso dialoga com outros já ditos, os sentidos assim significam.

A utilização da expressão “farra do boi” para significar Festival Folclórico de Parintins ilustra um dos aspectos das Formações Imaginárias: a antecipação, uma prova de que a linguagem é muito mais que mera informação. Como dissera Orlandi (2009), o discurso se compõe de uma troca de efeito de sentidos entre os usuários da língua. A “farra do boi” do sul do Brasil era muito criticada pelos defensores dos animais, que a julgavam inapropriada por submeter o animal a maus-tratos. Logo, o uso da expressão “farra do boi” parece acenar aos adeptos da prática e a todos que a conhecem com a ideia de que aqui em Parintins brincar com o boi não é só permitido como incentivado. Inclusive “Milhares de pessoas dançam 24 horas nas ruas” (Em Tempo, *Idem*). Ou seja, o sentido dialoga com outro, e o interdiscurso torna-se ferramenta de promoção do Festival e, conseqüentemente, de atração turística.

O Festival como redenção econômica

O projeto político de transformar a cultura popular em identidade cultural e, também, em atração turística visava à geração de renda que a tornasse sustentável e, ao mesmo tempo, fosse o sustentáculo econômico do município. Na Matéria do Jornal Amazonas Em Tempo, de 29 de junho de 1995, “Município poderá viver do Festival”, o clichê discursivo da posição-sujeito do discurso político de “trabalhar para gerar emprego e renda para a população” encontrou em Parintins sua paráfrase no projeto de identidade cultural, a despeito de o corpo do texto demonstrar que o festival só acontece com a ajuda financeira do governo do estado. O futuro do verbo “poder” ao mesmo tempo em que desnuda a realidade com o enunciado, ou seja, o município não tinha naquele momento uma fonte de emprego e renda, faz uma previsão esperançosa: “o município poderá viver do festival”. Ou seja, o discurso político significa o festival folclórico como futuro redentor econômico.

E tudo na página do jornal em questão parece corroborar os sentidos utilizados pela posição-sujeito: no canto superior esquerdo, descolado do texto principal, um anúncio da quantia em dólares que supostamente circularia na cidade naquele momento: quatro milhões de dólares; e o corpo da matéria anuncia que o festival se faz com “apenas” três milhões. Ou seja, há viabilidade econômica. Ainda nessa mesma edição de Em Tempo, apresentam-se seqüências discursivas que reforçam esses sentidos: **“Parintins ainda não vive do seu folclore, mas um dia terá que viver”**, pois **“O folclore já representa a grande alavanca econômica do município”**.

No mesmo ano de 1995, em junho, A crítica anuncia que **“Cerca de R\$ 5 milhões vão circular em Parintins esta semana**, segundo estimativas da prefeitura”, e, por causa do festival, **“Parintins atrai 3 mil barcos”**. Em junho de 2000, A Crítica anuncia **“Crescimento de 70% na economia”** decorrente do festival. E ainda: **“Arrecadação no período da festa é de aproximadamente R\$**



10 milhões, três vezes mais que o restante do ano”. Pelo menos discursivamente, os efeitos na realidade: “Vagas se esgotam”, “Aviões só fretados”. Ou seja, o festival é significado como redentor econômico de Parintins através do turismo cultural.

Segundo as relações de força, a posição de fala constitui os sentidos e os potencializa. Esses dizeres, respaldados pela força do veículo suporte, logo, são aceitos facilmente como evidências da realidade concreta imediata.

O Festival como aventura sexual

O discurso político-econômico de promoção do festival como atração turístico-cultural chegou aos anos 2000 apresentando um deslize já iniciado há alguns anos, como mostra a sequência discursiva retirada do jornal Amazonas Em Tempo de 1995: “A prefeitura convocou duas dançarinas, uma do Garantido, outra do Caprichoso. Pelas reações que teve, o **Ministro ficou sensibilizado**. Ouviu com atenção as canções e **não evitou alguns comentários indiscretos sobre as garotas**”. Ou seja, a cidade e seu festival poderiam oferecer mais que “apenas” o “festão”, o “espetáculo” dos bois bumbás.

O formato ancestral do boi-bumbá, expressão cultural de caboclos ribeirinhos, vaqueiros e pescadores, boi de todas as noites de junho, das danças ao redor das fogueiras na frente das casas, não se revelara comercial. Para atender os objetivos do projeto político fora, portanto, necessário organizá-lo de uma maneira que viabilizasse sua exploração turística e, ao mesmo tempo, aproximasse-o do gosto do consumidor. Ou seja, precisava-se manter o pitoresco, mas com as referências conhecidas e aprovadas pelo turismo. Para isso, recorreram-se aos sentidos de festa grandiosa já estabelecidos na memória discursiva do brasileiro: o carnaval.

Em rápido abandono dos sentidos do discurso político e seu projeto de transformação da cultura local e em retomada dos objetivos do dizer jornalístico, as transformações são registradas pela posição-sujeito: “... a

televisão ... impõe costume, **carnavaliza o folclore**. (...) Quem conhece os **esquemas das escolas de samba** não estranha” (Jornal do Comércio, 11 de junho de 1985). Nessa sequência, parece que o dito se realiza com um estranhamento e, ao mesmo tempo, com uma indeterminação: “quem conhece”. Essa ausência inferida a partir de “quem conhece” significa o festival como em processo de mudança para o diferente do ponto de vista local. Ou seja, sua formatação volta-se exclusivamente para atrair e satisfazer o turista, em detrimento do gosto ou aprovação do parintinense. Dito de outra maneira, o festival organiza-se como mesmidade para agradar unicamente o turista, “quem conhece os esquemas das escolas de samba”.

Essa “carnavalização” pode ser também constatada na matéria de 17 de junho 1990 desse mesmo jornal. Nela, pode-se ler a preocupação com a organização, a criação de regulamentos para as apresentações, o que aproxima a festa do formato do carnaval. Já o pitoresco fica estabelecido pela valorização da cor local com a troca da denominação Miss do Boi por Cunhã-Poranga e pela abolição da tourada. A carnavalização e a valorização da sensualidade também se expressam na figura da cunhã-poranga, espécie de imitação das rainhas de escolas de samba do carnaval carioca, “representada por uma jovem seminua desfilando seu corpo escultural à frente da bateria da escola de samba” (FERREIRA e CORREA, s.d.).

A percepção da mudança se consuma no final da década de 1990. Os sentidos de festa da carne rivalizam-se com os de manifestação cultural com cor local, identidade cultural regional. A atração cultural muda de foco ou ganha uma concorrente, como se pode constatar na matéria de A Crítica, de 30 de junho de 2000: “Guaraná energizante agita corpos”, cuja fotografia da cidade lotada de turistas é encimada pela expressão “Babel do amor”.

Não se pode deixar de mencionar o valor do interdiscurso presente na expressão “Babel do

Amor” que nomeia a festa de Parintins. No discurso religioso, a palavra Babel tem sentido de confusão, mistura de línguas. O discurso político-econômico de promoção da festa folclórica que provocou a carnavalização da cultura local, por deriva de sentidos, utiliza-se do termo Babel para significar o festival folclórico como um momento de total liberdade da sensualidade e da libido que mistura corpos energizados pelo consumo da bebida amazônica, o guaraná (claramente é um eufemismo para o consumo de outras bebidas). A finalidade agora não é mais apenas turístico-cultural. A festa de boi transforma-se em sinônimo de diversão sem limites, cujo polo, inclusive, deixa de ser a apresentação dos bois no bumbódromo (construído pelo governo do Amazonas e inaugurado em 1988 com essa finalidade), pois, segundo a matéria, “...o bom de Parintins é a folia nas ruas, muitos nem fazem questão de ir ao bumbódromo”, ou ainda, “Parintins libera o lado festivo e sensual das pessoas”. E “tudo transpira sexo. São dois festivais: o folclórico e o da carne. Vale tudo”.

Ou seja, a atração turística deixa de ser o folclore local, a manifestação cultural transformada em identidade pelo projeto político-econômico redentor do município. O festival passa a ser significado como turismo de entretenimento motivado pela sensualidade vivenciada nas ruas nos dias de junho. É o festival do sexo, da liberação da libido, da anulação de fronteiras entre o permitido e o proibido.

Esses significados já parecem estar presentes na afirmação de A Crítica de 20 de junho de 1985. As cores que simbolizam os bumbás, vermelha e azul, com as quais a cidade se enfeita, são colocadas em destaque denunciando a importância cultural do evento. Mas uso do advérbio “também” na legenda da foto, “O folclórico também é uma festa em Parintins”, denota que o cultural não é o único objetivo, estariam presentes outros não citados, silenciados. E o silêncio “[...] pode ser pensado como a respiração da significação, lugar de

recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido”, e “[...] há sempre silêncio acompanhando palavras” (ORLANDI, 2009, p. 83). É o silêncio constitutivo, segundo o qual as palavras apagam outras palavras, significando silenciosamente.

A construção de sentidos é resultado de um processo de deriva. Nessa deriva, ao discurso jornalístico imiscuiu-se o político, mas, em determinados momentos de fissura discursiva, o jornalístico registra sentidos alheios ao projeto de transformação cultural: a carnavalização, o festival da carne, do prazer, do sexo.

A análise das formações discursivas mostra sentidos do discurso político que transformam o cultural em manifestação cultural, em produto com objetivos econômicos advindos do turismo. Já os sentidos do discurso jornalístico registram, por sua vez, a intenção de agregar semelhança com a carnavalização, em 1985, e festival aventura sexual, em 2000.

A “Análise de Discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância por e para sujeitos” (Orlandi, 2009, p. 26). O discurso, então, não está restrito às palavras. Na troca de sentidos entre os sujeitos, essa significância também se faz presente em outros recursos, como nas imagens. E o jornal impresso se utiliza da simbologia das imagens como elemento constitutivo do discurso. Nelas, percebe-se claramente o movimento dos sentidos acerca do festival de Parintins nas décadas de 80 e 90.

O festival, na década de 1980, foi significado tendo a festa do boi-bumbá realizada no bumbódromo como referência. Mas esse foco foi mudando e, a partir da segunda metade da década de 1990, as ruas e a sensualidade ocuparam lugar de destaque, competindo com os sentidos anteriores.

Nas imagens, até a primeira metade dos anos 90, o objetivo ainda é a manifestação cultural folclórica. A partir de 1995, o foco são as ruas, os corpos de turistas e de parintinenses, que

compõem com os textos publicados sentidos de certo liberalismo sexual que reinaria durante os dias de junho em Parintins. Isso pode ser constatado, inclusive, em matérias como a do Amazonas Em Tempo, de 27 de junho de 2000, sobre a privatização do bumbódromo, na qual o festival folclórico é significado com a imagem do corpo feminino à mostra.

Ou seja, o festival folclórico carnalizado fez ressurgir na Amazônia do século XXI sentidos que a visão de índios seminus provocara no colonizador destas plagas ainda no século XVI. Os portugueses, segundo Ferreira e Correa (s/d),

... entregavam-se prazerosamente ao contato sexual com os habitantes das terras ocupadas [...] estabelecendo uma imagem do Brasil como uma espécie de centro de prazeres sem culpa. Reafirmado através dos séculos, este conceito acabaria por impregnar a forma como o próprio país veria a si mesmo: um lugar sensual, com um povo receptivo e miscigenado. Ao longo dos anos, este conceito se fixaria através das imagens carnavalescas do país difundidas pelo mundo, cristalizadas na ideia de um lugar de festa permanente, habitado por homens e mulheres sempre dispostos a sambar e se divertir hedonisticamente. Um verdadeiro “País do carnaval”.

Essas transformações da cultura local podem ter ressoado nos parintinenses como negativas. Segundo Cuche (1999), as transformações na cultura para torná-la identidade cultural podem ser tão radicais que quase nada mais restará do que era. Pode, inclusive, promover a não-identificação dos seus antigos praticantes. Índícios dessa situação foram registrados em matéria do Jornal Amazonas Em Tempo, de 28 de junho de 1985: “Parintinense foge da Festa”. O Em tempo dedica uma rápida menção à reação do morador da cidade ao que se tornou a festa popular: “Parintinense foge da festa”. O uso do singular “parintinense” não trata de um caso isolado, é metonímia apenas. O boi bumbá fora vivenciado pelos parintinenses desde a primeira metade do

século XX de forma espontânea, totalmente inserido no existir, sem a consciência, tampouco, de proposta de identidade cultural. A manifestação popular como cultura estava incorporada ao viver da cidade, presente na maioria das noites de junho, sem agenda, horário ou regulamento. Sua transformação em produto turístico e todos os efeitos daí advindos não foram absorvidos suavemente. O parintinense que “foge da festa” parece não se reconhecer naquilo que é apresentado como seu.

A apropriação pelo Estado e a transformação provocada pelo projeto político na cultura com o intuito de transformá-la em identidade cultural provocaram-lhe a negação. O estranhamento não é mais dos sentidos expressos pela polifonia discursiva que manifestam os sujeitos dos discursos jornalísticos reportando o que ocorre em Parintins. Agora é o parintinense que se sente deslocado com a dimensão e o formato que tomou o evento e, segundo o Amazonas Em Tempo, “foge da Festa”, ou seja, evita-a, pois não mais se identifica com ela. A partir daí, ele também parece significar sua cidade durante os três dias de junho como um não-lugar (AUGÉ, 1994) afetivo e cultural.

Esse sentimento certamente não é unânime, pois a força dos sentidos dos discursos hegemônicos tem o poder de submeter os indivíduos, que, inconscientemente, passam a utilizá-los e a entender e construir sua realidade com base nesses novos valores.

Resultados

Os sentidos presentes nas reportagens acerca do festival de Parintins nos jornais impressos das décadas de 1980 e 1990 são polifônicos, ou seja, são oriundos de formações discursivas diferentes. A posição-sujeito do discurso político, cujos objetivos são os de promoção da cultura à manifestação/identidade cultural, mistura-se à posição-sujeito do discurso jornalístico (o termo “jornalístico” é utilizado com os sentidos propostos por Paiva e Kunczik, In Barbosa e Simas, 2017) e seus objetivos de

informar com pretensa isenção o acontecimento.

“Briga de bois”/“festa no interior” que passou a “festão” na década de 80, por deslize parafrástico, abriu a formação discursiva e possibilitou a transformação dos sentidos pela escolha de outras palavras ou expressões em 2000, como “espetáculo”, “a maior festa popular”, “redentor econômico”, “Babel do amor”, etc. Essa deriva que provocou a ruptura e a transformação pode ser compreendida analisando-se os processos histórico-ideológicos que produziram, por deslize, valendo-se das fissuras metafórico-polissêmicas, as transformações de sentidos de festival folclórico verificadas no intervalo de 1981 a 2000.

Da década de 1980 à de 1990, a festa de boi em Parintins havia se transformado em um grande espetáculo conhecido no Brasil todo e reconhecida como expressão cultural regional. O boi bumbá não era mais um andarilho das noites do mês de junho, como nas primeiras décadas do século XX, pura expressão da cultura (Cuche, 1999). Para isso, em 1988, o governo do Estado do Amazonas já havia construído o bumbódromo, um colosso de concreto onde até hoje acontece a apresentação das agremiações folclóricas, num claro movimento de transformação da cultura em manifestação e identidade cultural (CUCHE, idem)

Em razão disso, produziram-se sentidos de manifestação cultural/atração turística fundamental para a economia do município. Souza (2013), porém, não compreende que o turismo decorrente das festas juninas, em especial do Festival Folclórico, tenha satisfeito as expectativas econômicas, tampouco seja um dos pilares da geração de renda do município, como ainda hoje é divulgado. Tudo o que a festa oferece não corresponderia aos sentidos que o têm como fonte de emprego e renda. O aquecimento econômico é pontual, irrisório, passageiro, restrito ao final do mês de junho, baseado em pequenas vendas de artesanato, souvenir, vestuário, bebidas e alimentos.

No final da década de 1990, aos sentidos de turismo cultural agregaram-se os de carnavalização e, conseqüentemente, os de turismo de entretenimento relacionado à sensualidade que em Parintins estaria latente, à espera de ser despertada pelo clima de festival folclórico.

A participação da mídia impressa, mais precisamente dos jornais, foi decisiva na veiculação dos sentidos que contribuíram para a massificação da ideia de festival Folclórico de Parintins sob esses significados. A ambigüidade da posição-sujeito do discurso jornalístico revelou, nas matérias analisadas, sua determinação pela exterioridade histórico-ideológica envolvente, ao mesmo tempo em que o sujeito histórico na posição-sujeito jornalista crê que determina o que diz. A ambigüidade como característica do sujeito resulta na polifonia discursiva. Ou seja, neste caso, o sujeito político se insinuando no dizer jornalístico.

Com o intuito e na certeza de cumprir os objetivos da posição-sujeito do discurso jornalístico, veicula os sentidos da formação discursiva política e seu projeto de transformação da cultura parintinense, acreditando que apenas informa, pois essa é a sua finalidade. Mesmo em alguns momentos em que isso parece, de fato, ocorrer, como em sequências discursivas em que o festival folclórico é significado como “festa no interior”, “briga de bois”, e quando registra a carnavalização da cultura e os sentidos de atração turístico-sexual, o sujeito não é origem dos significados que utiliza, pois o faz sustentado pela formação ideológico-discursiva de onde enuncia.

E ao utilizar os sentidos de manifestação cultural, atração turístico-cultural, sustentáculo econômico do município e representante nacional da identidade amazonense e, especialmente, parintinense, demonstra seu assujeitamento inconsciente ao exterior: ao momento da enunciação e ao jogo de sentidos do interdiscurso. Assim, por meio da porosidade das formações discursivas, utiliza

sentidos claramente pertencentes à posição-sujeito do discurso político e seu projeto de transformação da cultura local em manifestação cultural, identidade regional, atração turística e sua viabilidade econômica.

A partir de sentidos de festival folclórico encontrados nas matérias analisadas, pôde-se aferir o quanto de mudança se processou na brincadeira de boi-bumbá como cultura. A sua transformação em manifestação cultural e atração turística exigiram-lhe o caráter de semelhança a outros eventos. E como o discurso é, de fato, uma troca de sentidos entre os usuários da língua, e considerando-se a força da posição de onde se comunica, ou seja, o *status* de jornalismo, os sentidos utilizados pela posição-sujeito, ao serem absorvidos, processados e reutilizados pelos interlocutores, contribuíram decisivamente para a transformação da realidade cultural local.

Na relação social e histórica, o discurso constrói posições-sujeito por meio do jogo do dizer-poder-dizer. Ou seja, o sujeito é sempre uma tomada de posição política em meio a tantas que se põem à escolha. E essa tomada de posição se realiza pelo discurso que reflete o embate pelo poder. Uma vez assumida a posição político-social de prestígio/poder, essa posição autoriza e/ou legitima os sentidos utilizados. As condições/situações sociais e históricas acabam por filiar o sujeito aos sentidos de determinada região do dizer que a constituem. E, a partir dessa tomada de posição-sujeito, enuncia, utilizando esses sentidos que, ao mesmo tempo em que o constituem como sujeito, ressoando-lhe no “teatro da consciência” (ORLANDI, 2009, p, 102) como verdades, revestem-no com um poder que autoriza a utilizá-los.

E os parintinenses, inconscientemente assujeitados aos sentidos veiculados pelos discursos hegemônicos sobre o festival folclórico, passaram a ocupar a posição-sujeito que significa sua realidade com esses mesmos sentidos, como se eles fossem evidência dos acontecimentos vivenciados. Como diria Orlandi (2009, p. 34): “Na realidade, embora

se realizem em nós”, os sentidos “são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa vontade”.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Drummond de. **A rosa do povo**. 23. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- AUGÉ, Marques. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da modernidade. Campinas, São Paulo: Papirus. 1994.
- BARBOSA, Yonah Goes de Souza; e SIMAS, Hellen Cristina Picanço. **Veja**: o não dito. Manaus: EDUA, 2017.
- BATISTA, Daiane; SILVA, Lucas; SIMAS, Hellen. O outro lado do índio: representações sociais na mídia. Universidade Federal do Amazonas, **RELEM – Revista Eletrônica Mutações**, 2006
- BITTENCOURT, Antônio C. R. **Memória do município de Parintins**: estudos históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material. Manaus: Edição do Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.
- CORREA, Gustavo Borges; FERREIRA, Felipe. **Rio de Janeiro**: carnaval e sexualidade, (s/d). Disponível em www.anpap.org.br/felipe_ferreira. Acessado em 03 de novembro de 2018.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico. Cidades, Amazonas, Parintins. Disponível em http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?c_odmun=130340. Acesso em 24.12.2017, às 10h37min.
- ORLANDI, Eni. **Análise de discurso. Princípios e Procedimentos**. Ed. Pontes, 2009.
- ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- PAIVA, Mariana Macedo. **Funções da imprensa e o jornalismo de mercado**: a



essência jornalística. 2010. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) 35f. Centro Universitário de Brasília (UNICEUB), 2010.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

SOUZA, Nilciana Dinely de. **O Processo de Urbanização da Cidade de Parintins (Am): Evolução e Transformação** (2013). Tese (Doutorado Geografia Humana) Universidade de São Paulo. Disponível em www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-23102013-120716. Acesso em 24.12.2015, às 10h.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **Conhecendo a Análise do Discurso. Linguagem – Sociedade – Ideologia**. Manaus: Ed. Valer, 2006.

